

**Análise teórico-epistêmica da violência baseada em gênero: a vulnerabilidade da mulher durante o distanciamento social****Epistemic theoretical analysis on gender-based violence: female vulnerability during social isolation**

DOI:10.34117/bjdv6n7-379

Recebimento dos originais: 10/06/2020

Aceitação para publicação: 15/07/2020

**Ângela Gilda Alves**Faculdade Sul-Americana de Goiânia-GO (FASAM), Coordenadora da Graduação em Enfermagem  
Goiânia, GO – Brasil

Endereço institucional: Graduação em Enfermagem. Faculdade Sul-Americana de Goiânia-GO. BR-153 – Km 502, Jardim da Luz, Goiânia-Goiás. CEP: 74850-370. Fone: 55 62 3291-4000

**Edinamar Aparecida Santos da Silva**Universidade Federal de Goiás (UFG), Secretaria Municipal de Saúde de Goiânia (SMS).  
Enfermeira. Membro do núcleo de pesquisa da Escola Municipal de Saúde Pública. Goiânia, GO –  
BrasilEndereço institucional: Hospital das Clínicas, Universidade Federal de Goiás. 1ª Avenida, S/N -  
Setor Leste Universitário. CEP: 74605020 – Goiânia-Goiás. Fone: (062) 32698200**Flaviane Cristina Rocha Cesar**Faculdade Sul-Americana de Goiânia-GO (FASAM), Professora da Graduação em Enfermagem.  
Goiânia, GO – Brasil

Endereço institucional: Graduação em Enfermagem. Faculdade Sul-Americana de Goiânia-GO. BR-153 – Km 502, Jardim da Luz, Goiânia-Goiás. CEP: 74850-370. Fone: 55 62 3291-4000

**Maria Alves Barbosa**Universidade Federal de Goiás (UFG), Professora da Faculdade de Enfermagem da Universidade  
Federal de Goiás. Goiânia, GO – Brasil

Endereço institucional: Graduação em Enfermagem. Faculdade Sul-Americana de Goiânia-GO. BR-153 – Km 502, Jardim da Luz, Goiânia-Goiás. CEP: 74850-370. Fone: 55 62 3291-4000

**Dolors Rodríguez-Martín**Universidad de Barcelona, Professora da Escuela Universitaria de Enfermería. Barcelona – Espanha  
Endereço institucional (Dirección postal): Despacho 331. Escola d'Infermeria (Campus Bellvitge)  
Feixa Llarga, s/n. 08907 - L'Hospitalet de Llobregat. Barcelona, España. Teléfono: 34 93 402 42 28**Lizete Malagoni de Almeida Cavalcante Oliveira**Universidade Federal de Goiás (UFG), Coordenadora da Faculdade de Enfermagem da Universidade  
Federal de Goiás. Goiânia, GO – Brasil

Endereço institucional: Graduação em Enfermagem. Faculdade Sul-Americana de Goiânia-GO. BR-153 – Km 502, Jardim da Luz, Goiânia-Goiás. CEP: 74850-370. Fone: 55 62 3291-4000

**Sara Oliveira Souza**

Faculdade Sul-Americana de Goiânia-GO (FASAM), Professora da Graduação em Enfermagem.  
Goiânia, GO – Brasil

Endereço institucional: Graduação em Enfermagem. Faculdade Sul-Americana de Goiânia-GO. BR-153 – Km 502, Jardim da Luz, Goiânia-Goiás. CEP: 74850-370. Fone: 55 62 3291-4000

**José André da Costa**

Faculdades Integradas da América do Sul (INTEGRA), Professor da Graduação em Enfermagem.  
Caldas Novas, GO – Brasil

Endereço institucional: Graduação em Enfermagem. Faculdades Integradas da América do Sul.  
Avenida Presidente Geisel, Bairro Lagoa Quente, Qd 180, Lt 01 e 02, Caldas Novas-Goiás. CEP: 75692-532. Fone: 55 64 99282-3481

**RESUMO**

A pandemia relacionada ao COVID-19 impactou diferentes segmentos sociais, econômicos e culturais a nível global. Destaca-se o aumento de casos de violência contra a mulher que tem apresentado crescimento no índice de frequência e pode revelar traços de risco latentes na sociedade que constituem fatores de riscos para as vítimas. No presente estudo, realizamos uma análise teórico-epistêmica identificando o contexto histórico, características e novas manifestações da violência contra a mulher no contexto do Covid-19. Nós concluímos que a violência contra a mulher é um fenômeno que precisa ser analisado na perspectiva social e cultural, com destaque para aspectos de vulnerabilidade que acompanham as vítimas. O aumento da frequência de casos de violência doméstica expõe um fenômeno já existente, banalizado e suprimido. Assim, enfatiza-se a necessidade de ações intersetoriais sobre os determinantes e condicionantes sociais da violência à mulher.

**Palavras chave:** Violência contra a Mulher. Violência por Parceiro Íntimo. Violência Doméstica. Pandemias. Infecções por Coronavirus.

**ABSTRACT**

The COVID-19 pandemic has impacted several social, economic, and cultural segments worldwide. Violence against women has increased and become more frequent and it may point towards potential risks in society, which translate into risk factors for the victims. In the present study, an epistemic theoretical analysis was conducted in order to identify the historical background, traits and new manifestations of violence against women within the COVID-19 context. We concluded that violence against women is a phenomenon that needs to be analyzed through a sociocultural perspective, with special attention being placed on the vulnerability aspects that surround the victims. The increasing number of domestic violence cases exposes an extant phenomenon which is banalized and suppressed at large. Thus, we highlight the need for intersectoral action towards the socially determining and conditioning aspects surrounding violence against women.

**Keywords:** Violence Against Women. Intimate Partner Violence. Domestic Violence. Pandemic. Coronavirus Infections.

## 1 INTRODUÇÃO

A COVID-19 é uma enfermidade respiratória infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2, recém-descoberto e amplamente divulgado como novo Coronavírus. A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em janeiro de 2020, que o surto da doença constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, e em março do mesmo ano a decretou como estado de pandemia por sua transmissibilidade sustentada entre pessoas.<sup>1</sup>

Desde então todos os países, incluindo o Brasil, vêm monitorando a progressão, o comportamento, e as respostas dadas à COVID-19, sendo o distanciamento social uma das medidas necessárias para a prevenção e que vem se mostrando eficaz no controle do vírus pela contenção do aumento exponencial dos casos da doença e a sobrecarga nos serviços de saúde.<sup>2</sup>

Durante o estado de pandemia e juntamente com o emprego de medidas preventivas para controle do Coronavírus, observa-se um aumento da violência contra a mulher por seu parceiro íntimo.

A violência de gênero é um problema de grande magnitude, tanto por ser frequente quanto por causar graves consequências na saúde das mulheres. Essa violência é estrutural e histórica, como resultado de desigualdade, subordinação e relações assimétricas de poder de homens sobre as mulheres<sup>3</sup>.

No mundo, uma a cada três mulheres sofrem violência, sendo agredidas fisicamente, forçadas a manter relações sexuais, ou maltratadas de alguma maneira.<sup>4</sup> A violência de gênero é persistente na realidade social e um grave problema de saúde pública, sendo uma violação dos direitos humanos.<sup>5</sup>

Uma das multi formas adotadas é a violência por parceiro íntimo (VPI). A VPI é aquela exercida pelo parceiro íntimo (PI) – incluindo cônjuges, parceiros, amantes e noivos – e que inclui o abuso físico, sexual, emocional, moral, patrimonial e de controle econômico da mulher.<sup>4</sup>

Determinar a prevalência de VPI é difícil, já que a mesma é pouco denunciada, por esse motivo que as estimativas feitas desse fenômeno podem ser muito variadas. No estudo multinacional realizado pela OMS em 2005,<sup>5</sup> estimou-se que entre 13% e 61% das mulheres haviam sofrido violência física do seu PI e entre 4-49% sofreram violência grave e 20-75% sofreram um ato ou mais de violência emocional ao longo de sua vida.<sup>6</sup> Globalmente estima-se que 30% das mulheres em todo mundo haviam sido vítimas de violência física e/ou sexual do seu PI.<sup>6</sup> Na Espanha, em um estudo entre 2006 e 2007, estimou-se a prevalência de VPI na atenção primária em mulheres de 18 a 70 anos, e foi estimado 24,8%.<sup>7</sup> No Brasil, o mapa da violência realizado em 2015 destacou preponderante e crescente a violência contra mulheres sendo 54,1% dos atendimentos por violência a meninas e incidência aumentando até a idade adulta, quando 71,3% dos atendimentos são de mulheres. Em todas as faixas a residência foi o local privilegiado da agressão não letal representando 71,9% dos

atendimentos, ocasionadas por parentes imediatos ou parceiros e ex-parceiros que foram os responsáveis por 67,2% do total de atendimentos.<sup>8</sup>

Quando analisamos as situações decorrentes das medidas preventivas contra a COVID-19, identificamos que muitos trabalhadores estão ficando sem emprego ou com carga horária e salários reduzidos, pais e mães sendo forçados a passar mais tempo confinados dentro de casa com seus filhos, que não podem ir à escola, aumento do consumo de álcool em suas residências, aumento do estresse devido a iminência de uma perda de status social, entre outros. Situações essas, que podem fazer com que a violência contra a mulher apareça onde já acontecia, dentro de suas casas, e conseqüentemente aumente.

Nesse sentido, contextualizamos estudos atuais que destacam que o distanciamento social provoca impacto social, financeiro e psicológico.<sup>9</sup> Essas conseqüências psicossocioeconômicas, medos e incerteza e medidas de confinamento durante a pandemia, podem ser fatores que aumentam a violência doméstica.<sup>10,11</sup>

A COVID-19 abalou a estrutura das famílias e provocou tensões,<sup>9</sup> criando assim diversas oportunidades de conflitos dentro do lar devido a permanência dentro de casa.<sup>12</sup> A violência contra as mulheres durante a pandemia está acontecendo de forma global e aumentou significativamente,<sup>9,13</sup> impactando negativamente na segurança das mulheres.

Durante o distanciamento social as mulheres são mais vigiadas e ficam impossibilitadas de conversar com familiares e amigos,<sup>14,15</sup> já que essa medida de segurança sanitária diminui a mobilidade física e o acesso aos sistemas de proteção social e segurança pública,<sup>10,14,15</sup> aumentando assim o controle e abuso do seu parceiro.<sup>16</sup>

Seria o momento próprio para pensar “psicologia intrafamiliar”, engendrando uma espécie de “pedagogia prática da não-violenta” para conviver num relacionamento de proximidade através da comunicação nas plataformas digitais. Quando a mulher é retirada do seu contato social ela perde a rede de apoio para buscar ajuda em situações de violência,<sup>11,16</sup> além disso, em situações em que o consumo de álcool é usado como desinibidor para exercer violência dentro de casa, o risco de sofrer violência pode aumentar.<sup>13</sup>

Reconhecendo que a violência contra a mulher é um mal constante presente na nossa sociedade, o governo e as universidades sempre procuraram compreender os motivos para a ocorrência de tal delito. Em contrates com as abordagens epidemiológicas clássicas que se concentram nos “fatores de risco” do agressor ou da vítima, existem modelos socioculturais, para o estudo da violência de gênero. Nesse sentido a VPI teria sua causa não tanto em fatores que podem ser desencadeadores do episódio violento – como é o caso do álcool, desemprego ou pobreza -, mas na situação estrutural de desigualdade em que as mulheres se encontram.

É certo que o distanciamento social vem protegendo as pessoas da COVID-19, entretanto é necessário medidas para detectar os casos de violência pelo parceiro,<sup>12</sup> já que existem poucas informações sobre a temática durante a pandemia da COVID-19<sup>9</sup> e esse risco continuará alto nos próximos meses enquanto durar o distanciamento social.<sup>13</sup>

Como não tem se discutido a repercussão do distanciamento social no relacionamento entre parceiros, o giro argumentativo deste artigo tem o propósito de situar a problemática da violência contra a mulher nestes “*tempos de Pandemia – COVID-19*”. A violência de gênero é um tema notadamente relevante em tempos de pandemia, em primeiro lugar, porque a conjuntura socioeconômica atual tende a exacerbá-la.

Não é possível prevenir a violência contra a mulher sem levar em consideração o desemprego, instabilidade, dependência econômica e sobrecarga de tarefas,<sup>15</sup> já que estes fatores levam à sensação de perda de poder masculino e ativa o comportamento violento dos parceiros.<sup>14</sup>

A violência contra mulher não é algo inédito na cultura brasileira. É uma situação social que marca a história do Brasil, com crimes contra a mulher e perseguições de seus direitos. Herdamos essa negatividade do patriarcalismo presente no contexto sociocultural.<sup>3, 16, 17</sup>

A relação de gênero será analisada em sua especificidade analítica e desdobramento sócio histórica numa perspectiva histórico-crítica. O encaminhamento da exposição segue-se no apontamento da pluridimensionalidade de questões que a problemática da mulher abarca, especialmente objetivando evidenciar as alternativas abertas para futuras investigações. O fio condutor que perpassa este artigo é que toda reflexão sobre a mulher deve necessariamente integrar em discurso, o que denominamos a dimensão ético-político-cultural da subjetividade feminina.<sup>18</sup>

A estratégia lógico-metodológica será desdobrada e apresentada em três momentos: o primeiro momento terá olhar analítico mais histórico, visando com isso situar a problemática da violência contra a mulher no eixo da temporalidade. O segundo momento será mais descritivo (leitura sumária) do fenômeno da violência em sua manifestação contra a mulher. Procurar-se-à delinear no plano empírico o nosso quadro cultural. O terceiro momento, será mais crítico-reflexivo mostrando como as novas formas de violência neste tempo COVID-19 se manifesta atingindo mais a mulher no convívio doméstico de proximidade.

A meta é chegar a um posicionamento teórico-epistêmico que a ética e a saúde de política públicas precisam se articular indissociavelmente o mundo da interioridade com o das normas positivas e com a racionalidade política. O mundo da violência indica um sujeito específico, a mulher agredida, que não pode ser percebida apenas como portadora de um rosto feminino (relações interpessoais), mas como sujeito de justiça, que exige do Estado de direito proteção de seus direitos humanos.

Com a expressão “violência contra a mulher”, entendemos um campo teórico de investigação onde a categoria de feminino é vista como essencial para compreensão de nossa sociedade civil e ainda útil para construção do sujeito epistemológico do nosso tempo. Temos ciência de que não faltam leituras sobre o fenômeno da violência na ótica da problemática de agressão contra a mulher. É necessário fazer um esforço teórico de revisão bibliográfica, para demonstrar que a passagem da visão cosmocêntrica (objetividade) para visão antropocêntrica (subjetividade), não qualificou o ser humano para uma convivência de proximidade de respeito à alteridade (outro).<sup>18</sup>

O esforço teórico empreendido no artigo é passar em revisão os complexos caminhos da metodologia participativa para articular diacronicamente o trinômio: sujeito – objeto – verdade. Isso para gerar uma narrativa desconstrutiva dessa chaga social, a violência contra a mulher. Portanto, a metodologia será vista como uma construção histórica, tendo por base o nosso “espírito epocal”. Compreendemos que a ciência não é um destino determinado, como um dado acabado, mas, sim, como um modo de interpelar a conjuntura social como compromisso ético-político a partir da reflexão sociológica. Agora, quando se percebe na estatística a violência contra os corpos das mulheres vem o questionamento: qual é a proteção legal que os órgãos público-estatais oferecem para as pessoas neste tempo de COVID - 19 quando todos são forçados a ficar em casa?

Assim são necessárias ações de enfrentamento de violência contra as mulheres,<sup>11</sup> e os meios de comunicação devem ser utilizados para aumentar a conscientização sobre a violência de gênero.<sup>8</sup> A sociedade deve estar preparada para denunciar casos,<sup>13</sup> bem como os profissionais da saúde e outros prestadores de cuidados devem estar atentos ao aumento da violência dentro do lar, já que esses são os primeiros contatos das vítimas.<sup>9,13</sup>

Ações protetivas urgentes foram implementadas e apesar das medidas de isolamento, o Judiciário e os serviços emergenciais de atendimento a mulheres vítimas de violência estão funcionando em todo o país, segundo o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), por exemplo para pedido de prorrogação de uma medida protetiva sem ter que comparecer ao tribunal.<sup>19,20</sup> Porém são necessárias medidas para solução permanente, como a mudança do comportamento violento pelo homem e de empoderamento feminino.

Mas qual é o fator chave da violência neste tempo de isolamento social? Parece haver uma articulação individual e coletiva para a disputa identitária do espaço doméstico que mostra o comportamento agressivo do homem nesse cenário.

Certamente, o futuro exigirá mais políticas públicas, focalizadas não apenas no combate à violência contra a mulher, como também no estímulo ao empoderamento econômico e ao empreendedorismo das mulheres. Com essa constatação o artigo quer identificar e mostrar que a relação de gênero está sendo redefinida pelo confinamento, que tem se tornado um espaço da



violência contra a mulher. Daí o esforço e ao mesmo tempo o desafio para psicologia social de fazer o possível para manter vivas as correntes de afeto, comunidades, alianças de convivência e solidariedade neste tempo de COVID-19.

Outro desafio urgente, e governamental, é o de atualizar bancos de dados das notificações de violências contra a mulher, estratégia possível de ser implementada a curto prazo. Isto permitirá mapear a tipificação da violência por regiões, o que pode promover o alcance mais rápido e direto dessas vítimas contribuindo e fortalecendo medidas intersetoriais protetivas, antes da violência à mulher reincidir.<sup>21</sup>

Por que as mulheres são vítimas de violência por seus parceiros? É necessário investigar se a teoria da ciência política nos municia para refletir e enfrentar a subjugação das relações de gênero, que promove o bloqueio da participação integral da mulher na esfera pública.

Através do sistema neoliberal predominante entre nós, o corpo é antes de tudo um instrumento, tanto de produção quanto de consumo. Torna-se peça de negociação. Basta pensar como eram avaliados os escravos, ou como são avaliados os corpos no marketing, visando a venda de produtos. Mas há uma diferença entre o valor do corpo das classes pobres e o das classes ricas. As primeiras vendem seu corpo em longas jornadas de trabalho para sobreviver. O corpo das mulheres é comprado pelos homens; o dos negros, pelos brancos; o dos pobres pelos ricos.

A violência de gênero possui motivações comuns e começa com sua marginalização econômica e a sua dominação cultural. Assim pretende-se sugerir que esta constatação talvez esteja internamente bloqueada para lidar com a questão da violência contra a mulher, o que se deve fundamentalmente ao seu diagnóstico da antropologia social, resultante de um enfoque excessivo na estrutura do estado e nas instituições dominadoras e da correspondente negligência da sociedade civil, das suas demandas específicas, das lutas e conquistas afetivas, ainda que precárias. Pretende-se questionar com critérios de sondagens estatísticas ainda se, levado às suas últimas consequências, este diagnóstico da violência contra mulher neste período de COVID-19, não nos levaria a supor que as conquistas femininas, desde o final do século XIX, seriam inconsistentes ou pouco relevantes para emancipação integral da mulher.

## **2 CONCLUSÃO**

Pela observação dos aspectos aqui dialogados sobre pandemia da COVID-19 e a violência contra a mulher, os seculares fatores que promovem essa violência, além de ainda existentes, são exacerbados nas situações de isolamento e/ou restrição social, mesmo que essas sejam medidas preventivas contra uma doença sem cura até o momento. Manter a vida é condição primordial, no

entanto, nem um momento inigualável como esse da pandemia pelo SARS-COV-2 foi capaz de desconstruir a naturalização das formas de violência contra a mulher no Brasil.

Portanto, necessárias e prementes são as mudanças que devem ocorrer nas políticas e estratégias públicas para que sejam efetivas e sustentáveis na sensibilização das pessoas à mudanças que se propaguem de geração para geração até tornarem-se naturalmente culturais.

Os resultados deste ensaio dialógico ressaltam a importância de incluir a temática como eixo transversal do ensino formal, suscitando, nos espaços formais e nas práticas escolarizadas de formação, a discussão sobre os determinantes e condicionantes sociais da violência à mulher como forma de alcançar mudança cultural e preparar a mulher brasileira para o enfrentamento de situações extremas sem temer a violência de gênero.

### REFERENCIAS

World Health Organization. [Internet]. Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19 - 16 March 2020 [citado em 09 jun 2020]. WHO. Disponível em: <https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19--16-march-2020>

World Health Organization [Internet]. Intimate partner violence: understanding and addressing violence against women. 2020 [citado em 09 jun 2020]. WHO. Disponível em: [https://www.who.int/reproductivehealth/topics/violence/vaw\\_series/en/](https://www.who.int/reproductivehealth/topics/violence/vaw_series/en/)

Lima A. C. F, Souza Na. Z. R. Mulheres em situação de violência: mapeamento na comarca de Jataí/GO. Braz. J. of Develop., Curitiba, v. 5, n. 12, p. 29110-29129, dec 2019. ISSN 2525-8761

World Health Organization. WHO. Responding to intimate partner violence and sexual violence against women. WHO clinical and policy guidelines. Geneva: WHO; 2013.

World Health Organization [Internet]. Violence against women. Fact Sheets, 29 November 2017 [citado em 09 jun 2020]. WHO. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-women>

García-Moreno C, Jansen HAFM, Ellsberg M, Heise L, Watts C. WHO multi-country study on women's Health and domestic violence against women: initial results on prevalence, Health outcomes and women's responses. Geneva: WHO; 2005.

Ruiz-Pérez I, Escribà-Agüir V, Montero-Piñar I, Vives-Cases C, Rodríguez-Barranco M. Prevalence of Intimate partner violence in Spain: A national cross-sectional survey in primary care. Atención Primaria. 2017; 49 (2): 93-101.

Waiselfisz JJ. Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil. Rio de Janeiro: CEBELA/FLACSO; 2015.

Boserup B, McKenney M, Elkbuli A. alarming trends in US domestic violence during the COVID-19 pandemic. American Journal of Emergency Medicine. 2020.



Mazza M, Marano G, Lai C, Janiri L, Sani G. Interpersonal violence during COVID-19 quarantine. *Psychiatry Research*, 2020.

Marques ES, de Moraes CL, Hasselmann MH, Deslandes SF, Reichenheim ME. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e forma de enfrentamento. *Cad. Saúde Pública*. 2020; 36 (4).

van Gelder N, Poterman A, Potts A, O'Donnell M, Thompson K, Shah N, et al. COVID-19: Reducing the risk of infection might increase the risk of intimate partner violence. *E. Clinical Medicine*. 2020

Campbell AM. An increasing risk of family violence during the Covid-19 pandemic: Strengthening community collaborations to save lives. *Forensic Science International*, 2020.

Vieira P. R, Garcia L. P, Maciel E. L. N. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? *Rev. Bras. Epidemiol*. 2020.

Ruiz-Pérez I, Pastor-Moreno G. Medidas de contención de la violencia de género durante la pandemia de COVID-19. *Gac. Sanit*. 2020.

Nascimento F. R, Santos I. A, Angelo L. M. D, Santos M. F. Mulheres vítimas de violência de gênero: Perfil sócio-demográfico (Eunápolis-BA). *Braz. J. of Develop.*, Curitiba, v. 6, n.6, p.37962-37969 jun. 2020. ISSN 2525-8761

Santos D, Oliveira L. S, Santos M. L. M. Gender violence. *Braz. J. of Develop.*, Curitiba, v. 6, n.6, p.38677-38685 jun. 2020. ISSN 2525-8761

Bonfim C. A condição histórica da mulher: contribuição da perspectiva histórico-crítica na promoção da educação sexual emancipatória. 1 ed. Navegando Publicações; 2018.

Bandeira R. Judiciário reforça ações de combate à violência contra a mulher. Agência CNJ de Notícias, mar. 2020. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/judiciario-reforca-acoes-de-combate-a-violencia-contra-a-mulher/>

Bandeira R. Sinal Vermelho: CNJ lança campanha de ajuda a vítimas de violência doméstica na pandemia. Agência CNJ de Notícias, jun. 2020. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/sinal-vermelho-cnj-lanca-campanha-de-ajuda-a-vitimas-de-violencia-domestica-na-pandemia/>

Mendonça B, Baranoski M. C. R. O Projeto Intersetorial de prevenção à reincidência e enfrentamento da violência doméstica e familiar na cidade de Castro, Estado do Paraná, na perspectiva do profissional da advocacia. *Braz. J. of Develop.*, Curitiba, v. 5, n. 12, p. 29810-29819, dec. 2019. ISSN 2525-8761

Ângela Gilda Alves<sup>1</sup>, Edinamar Aparecida Santos da Silva<sup>2</sup>, Flaviane Cristina Rocha Cesar<sup>3</sup>, Maria Alves Barbosa<sup>4</sup>, Dolores Rodríguez-Martín<sup>5</sup>, Lizete Malagoni de Almeida Cavalcante Oliveira<sup>6</sup>, Sara Oliveira Souza<sup>7</sup>, José André da Costa<sup>8</sup>

1. Faculdade Sul-Americana de Goiânia-GO (FASAM), Coordenadora da Graduação em Enfermagem. Goiânia, GO – Brasil.

Endereço institucional: Graduação em Enfermagem. Faculdade Sul-Americana de Goiânia-GO. BR-153 – Km 502, Jardim da Luz, Goiânia-Goiás. CEP: 74850-370. Fone: 55 62 3291-4000.

2. Universidade Federal de Goiás (UFG), Secretaria Municipal de Saúde de Goiânia (SMS). Enfermeira. Membro do núcleo de pesquisa da Escola Municipal de Saúde Pública. Goiânia, GO – Brasil.

Endereço institucional: Hospital das Clínicas, Universidade Federal de Goiás. 1ª Avenida, S/N - Setor Leste Universitário. CEP: 74605020 – Goiânia-Goiás. Fone: (062) 32698200.

3. Faculdade Sul-Americana de Goiânia-GO (FASAM), Professora da Graduação em Enfermagem. Goiânia, GO – Brasil.

Endereço institucional: Graduação em Enfermagem. Faculdade Sul-Americana de Goiânia-GO. BR-153 – Km 502, Jardim da Luz, Goiânia-Goiás. CEP: 74850-370. Fone: 55 62 3291-4000.

4. Universidade Federal de Goiás (UFG), Professora da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, GO – Brasil.

Endereço institucional: Graduação em Enfermagem. Faculdade Sul-Americana de Goiânia-GO. BR-153 – Km 502, Jardim da Luz, Goiânia-Goiás. CEP: 74850-370. Fone: 55 62 3291-4000.

5. Universidad de Barcelona, Professora da Escuela Universitaria de Enfermería. Barcelona – Espanha.

Endereço institucional (Dirección postal): Despacho 331. Escola d'Infermeria (Campus Bellvitge) Feixa Llarga, s/n. 08907 - L'Hospitalet de Llobregat. Barcelona, España. Teléfono: 34 93 402 42 28

6. Universidade Federal de Goiás (UFG), Coordenadora da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, GO – Brasil.

Endereço institucional: Graduação em Enfermagem. Faculdade Sul-Americana de Goiânia-GO. BR-153 – Km 502, Jardim da Luz, Goiânia-Goiás. CEP: 74850-370. Fone: 55 62 3291-4000.

7. Faculdade Sul-Americana de Goiânia-GO (FASAM), Professora da Graduação em Enfermagem. Goiânia, GO – Brasil.

Endereço institucional: Graduação em Enfermagem. Faculdade Sul-Americana de Goiânia-GO. BR-153 – Km 502, Jardim da Luz, Goiânia-Goiás. CEP: 74850-370. Fone: 55 62 3291-4000.

8. Faculdades Integradas da América do Sul (INTEGRA), Professor da Graduação em Enfermagem. Caldas Novas, GO – Brasil.

Endereço institucional: Graduação em Enfermagem. Faculdades Integradas da América do Sul. Avenida Presidente Geisel, Bairro Lagoa Quente, Qd 180, Lt 01 e 02, Caldas Novas-Goiás. CEP: 75692-532. Fone: 55 64 99282-3481.